

DO CALHARIZ À PORCALHOTA:

A estrada de Lisboa a Sintra era pois a estrada dos saloios; pelo Monte da Venteira passavam os saloios que vinham de Sintra até à capital, os almocreves e os artesãos de todos os fabricos e produtos, os moleiros e os padeiros, os cabouqueiros e os carreiros de hortaliças, de laranjas e limões, sem esquecer as grandes carroças ou galeras, carregadas de trouxas de roupa lavada e por lavar com as lavadeiras que delas faziam fofos assentos... tudo por aqui transitou até há pouco tempo.

O percurso, pelo menos este troço, entre o Calhariz e a Porcalhota, deixemos de novo que o Padre Proença nos conte como era:

«De um lado e outro, dos muros das quintas, assomava o arvoredado, pendiam belos arbustos e pelos portões gradeados via-se toda a beleza de jardins, estatuetas, e densa vegetação. O "Beau Séjour", pertencente ao Barão da Glória, encantava pelo belo parque mas desiludia pela sua frontaria amaneirada e sem gosto.

Depois vinha Alfarrobeira, onde se instalaram as irmãs da caridade com o Hospício de Santa Isabel: 16 freiras, 26 senhoras e 36 educandas e criadas. O palácio Ludovice marcava o princípio de uma estrada para o lindo lugar do Calhariz.

A estrada depois fazia uma curva para a direita e a meio dela, destacava-se o Portal Novo, antiga Quinta dos Corte Real, e depois dos Rio Maior. Seguia-se uma série de casas pequenas, ou com presunções, até se chegar perto da igreja.

Em frente dela, a estrada corria ao longo da grande Quinta da Feiteira, roçando, do outro lado, a nova igreja paroquial com o seu adro e entrava na Venda Nova até chegar à Porcalhota de Baixo. Uma calçada, pouco ingrime ligava o lugar à Porcalhota de Cima. Neste ponto a estrada era macadamizada, já com bastante largura, como atrás dissemos, e tão direita que parecia alinhada à régua. Um dos lados da estrada tinha bastantes casas de campo, algumas de gracioso aspecto que se alternavam com jardins e pomares, com verdura caindo de cima dos muros ou formando lindos caramanchões e terrados com

Chafariz de Carenque

plantas trepadeiras e festões de flores.

Do outro lado da estrada (esquerdo), havia uma longa fileira de antigas árvores, separando a estrada dos campos vastíssimos que, para a vista, terminavam nas colinas ao longe. No meio dos campos, os arcos potentes do Aqueduto das Águas Livres no seu curso para Lisboa. Por aqui e por ali, casais entre quebradas e, ao longe, a Damaia, muito caiadinha, onde avultava a quinta e palácio dos Condes da Lousã. Em quinta à beira da Estrada vivia ricamente o par do reino Luís do Rego da Fonseca Magalhães.

Assim chegava a Estrada à Porcalhota de Cima, em terreno mais elevado mas também plano. Gozando de ares afamados, nem parecia campo, pois o casario, embora na sua maior parte de aparência rústica e pobre, estendia-se de tal modo dos dois lados da Estrada que esta, aqui, mais parecia uma rua da cidade, e muito movimentada, como aliás todo o caminho para Queluz e Sintra. A melhor casa daqui pertencia a José Maria da Silva. Seguia-se-lhe a afamada Quinta do Bosque, já perto da ermida. Depois a estrada subia para a Venteira para sair da paróquia em direcção a Queluz».

Segundo consta, foi por aqui que um dia remoto e de muita névoa, D. João I quando ainda era Mestre de Avis, quis ir, com alguns poucos homens seus a cavalo e



Igreja da Falagueira – imagem antiga

outras gentes de armas, "fazer alardo" ao Castelo de Sintra que estava ocupado por castelhanos.

Estavam quase lá, quando «o mau tempo, de que não havia memórias de semelhante prejudicou gravemente a diligência, mas persistiu em levá-la a efeito. Porém, anoiteceu mais cedo e as espessas trevas cobriram esta terra de tal negrume, cortado apenas pelo fusilar dos relâmpagos que na escuridão da noite se reflectiam nas pontas das lanças como fogos de Santelmo e sem remédio se tresmalharam os componentes daquela marcha sobre Sintra. Decidiu que cada um voltasse à cidade por onde melhor atinasse e na manhã seguinte não tinha cada um mais que contar do que lhes tinha acontecido».